

## **CAPÍTULO 25**

DOI: <https://doi.org/10.58871/ed.academic210823.v1.25>

### **ACOSTUMAMO-NOS, MAS NÃO DEVERÍAMOS: ONDE ESTÃO AS NARRATIVAS SOBRE A PANDEMIA?**

### **WE GOT USED TO IT, BUT WE SHOULDN'T HAVE: WHERE ARE THE NARRATIVES ABOUT THE PANDEMICS?**

**ITALA DANIELA DA SILVA**

Doutora e Mestra em Psicologia Clínica  
Bacharela em Psicologia

**RENAN GOMES ARAÚJO DE AMARAL**

Esp. em andamento em Ciências Humanas: Sociologia, História e Filosofia  
Bacharel em Psicologia

### **RESUMO**

O presente estudo tem como objetivo apresentar uma reflexão teórica acerca do que chamamos de Silenciamento das Narrativas a partir de uma análise sobre os impactos psicossociais associados à Pandemia da COVID-19 no Brasil. Destacamos que o caleidoscópio de eventos ocorridos de forma simultânea resultou numa certa Política do Esquecimento. Nesse sentido, a Psicologia, em sua esfera clínica e social é convocada a encontrar formas de resgatar, dar espaço e voz às essas narrativas que, certo modo, continuam silenciadas, dada as urgências imperativas que o cotidiano nos impõe. A partir do método historiográfico, conforme proposto por Walter Benjamin, e dos pressupostos de Hannah Arendt, segundo os quais os incidentes e histórias vivas devem orientar a atividade do pensamento, traçamos o caminho da argumentação. Utilizamos as narrativas em primeira pessoa do singular e do plural para intercambiar experiências singulares e coletivas, além de artigos científicos e fontes jornalísticas, a fim de compreender os eventos ocorridos entre 2020 e 2023 e seus desdobramentos sobre a Saúde Mental da população brasileira. Discute-se o apagamento histórico das memórias sobre a Pandemia em diferentes contextos, analisando-se as urgências políticas, sociais e econômicas impostas à população durante esse período. Adverte-se sobre os riscos de se reduzir os impactos psicossociais às esferas individuais, neurológicas e/ou psicopatológicas, sem considerar os aspectos históricos antes, durante e depois da pandemia. Identificamos que uma análise pontual e causal, que não tensiona as complexidades, incide numa tendência ao fortalecimento das políticas do esquecimento que reforçam um individualismo e intrapsiquismo. Ademais, destaca-se o papel de uma Psicologia Crítica, que ao ponderar os aspectos coletivos, torna-se capaz de considerar a dimensão política na compreensão das experiências humanas.

**Palavras-chave:** Pandemia; Silenciamento de Narrativas; Psicologia Clínica; Psicologia Social.

## ABSTRACT

The present study is characterized as a Theoretical Reflection on what we call the Silencing of Narratives based on an analysis of the psychosocial impacts associated with the COVID-19 Pandemic in Brazil. We emphasize that the kaleidoscope of events that occurred simultaneously resulted in a certain Politics of Oblivion. In this sense, Psychology, in its clinical and social sphere, is called upon to find ways to rescue, give space and voice to these narratives that, in a way, remain silent, given the imperative urgencies that everyday life imposes on us. Based on the historiographical method, as proposed by Walter Benjamin, and Hannah Arendt's assumptions, according to which incidents and living stories should guide the activity of thought, we outline the path of argumentation. We used first-person singular and plural narratives to exchange singular and collective experiences, in addition to scientific articles and journalistic sources, in order to understand the events that occurred between 2020 and 2023 and their consequences on the Mental Health of the Brazilian population. The historical erasure of memories about the Pandemic in different contexts is discussed, analyzing the political, social and economic urgencies imposed on the population during this period. It warns about the risks of reducing psychosocial impacts to individual, neurological and/or psychopathological spheres, without considering the historical aspects before, during and after the pandemic. We identified that a punctual and causal analysis, which does not stress the complexities, focuses on a tendency to strengthen forgetting policies that reinforce individualism and intrapsychism. Furthermore, the role of a Critical Psychology is highlighted, which, by considering the collective aspects, becomes capable of considering the political dimension in the understanding of human experiences.

**Keywords:** Pandemic; Silencing of Narratives; Clinical Psychology; Social Psychology.

## 1 INTRODUÇÃO

Houve Pandemia da Covid-19? Essa pergunta pode não ter lógica quando lida antes das argumentações que serão aqui apresentadas. Antemão, destacamos que não queremos negar a existência da Pandemia e dos seus impactos, mas nos propomos a ampliar as reflexões sobre as suas repercussões biopsicossociais.

Confessamos um espanto ao abrirmos a página do Congresso que no ano de 2023 se propunha a pensar “ainda” sobre as repercussões psicossociais causadas pela pandemia da Covid-19. Demoramos um pouco mais na questão e entendemos que não podemos negar os inúmeros impactos, ainda incalculáveis da pandemia na saúde da população, sobretudo em seus aspectos de Saúde Mental. Ademais, enquanto psicóloga e psicólogo clínicos, sensíveis aos aspectos sociais que atravessam as demandas psíquicas. Importa destacar que partimos de uma epistemologia fenomenológica e do método cartográfico que nos permite construir uma narrativa escrita acadêmica se utilizando da primeira pessoa do singular ou do plural (SILVA, 2022). Essa “liberdade” metodológica será importante para situarmos de onde analisamos os acontecimentos do mundo.

Hannah Arendt, pensadora da política em “tempos sombrios”, ressaltava que as nossas teorias e própria atividade do pensar devem partir dos incidentes e das experiências vividas, e a eles permanecer ligados (ARENDR, 2021). Esse indicativo nos convida a iniciarmos apresentando onde nossa existência e experiências se situam perante esse acontecimento.

Eu, Itala Daniela (primeira autora), psicóloga clínica, deparei-me com a transição da clínica presencial para o remoto, experiência que narro no texto “Assim sigo, sendo psicóloga em tempos de crise mundial”<sup>1</sup>. Ouvi a narrativa de pacientes sobre o medo de perder entes queridos, sobre o cerceamento da liberdade, a dor de não visitar a mãe e o pai. Acompanhei narrativas de pessoas enlutadas que não puderam velar seus familiares e amigos. As urgências da Clínica Psicológica, atrelada com as demandas acadêmicas e laborais (da casa), fizeram terminar o ano de 2020 com Burnout. Em 2021, também não pude velar o meu padrasto, vítima da Covid e precisei acolher a minha mãe em seu processo de luto. Em 2021, retomei minhas atividades de professora e elas ainda estavam remotas. Testemunhei os impactos educacionais que o ensino remoto estava causando na formação. Em 2022, assumi a Coordenação do Curso de Psicologia na mesma Instituição e parecia que a pressa de retomar a vida, impunha quase que o esquecimento dos protocolos de saúde, apesar de testemunhar cotidianamente os supervisores de estágios destacarem a fragilidade teórica dos estudantes que haviam passado 2 anos em ensino remoto.

Eu, Renan Amaral (segundo autor), tive quase metade da graduação em Psicologia atravessada pela pandemia da Covid-19. Ainda em 2020, à despeito das limitações impostas pela crise sanitária que estávamos enfrentando, testemunhei muitos colegas de turma reivindicarem o retorno das atividades em campo, pois a urgência de concluir um curso superior se sobressaía a todos os riscos ao que estávamos expostos. Aliás, chegamos a ponto de assinar Termos de Conhecimento e Consentimento de Risco à medida em que as atividades iam sendo retomadas. Entre 2021 e 2022, iniciei a minha atuação no campo da Saúde Mental em plena pandemia. No âmbito familiar, vivenciei de forma constante a preocupação em relação ao meu pai, cuja ocupação de caminhoneiro autônomo não lhe permitia interromper as atividades para estar minimamente protegido, cumprindo as recomendações de isolamento junto à família. Esse aspecto de imposição da continuidade da vida será um dos fios da argumentação aqui apresentada.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.antropologicas-epidemicas.com.br/post/assim-sigo-sendo-psic%C3%B3loga-em-tempos-de-crise-mundial>. Destaco que esse texto está publicado em livro digital com o título “**Imaginação político-viral: os primeiros meses da pandemia/** Organizadores: Nathália dos Santos Silva; Frederico Viana Machado; Handerson Joseph e Vi Grunvald – 1. ed. -- PortoAlegre, RS: Editora Rede Unida, 2023.

Retomamos as nossas histórias singulares, primeiro pela metodologia escolhida; segundo porque elas situam que nós mesmos sofremos os impactos psicossociais da Pandemia da Covid-19. Hoje, assustadoramente nos questionamos: Houve pandemia? Ao tomarmos esse espanto como ponto de partida, parece-nos que tal questão se instaura justamente devido aos múltiplos fatores que impuseram ao povo brasileiro quase que um grave “esquecimento” da Pandemia.

O Brasil estava sob a presidência de um governo que tentava às duras penas silenciar os impactos da pandemia sobre a população, estimulando a proliferação de discursos negacionistas, sob o pretexto de estar garantindo a manutenção do sistema econômico do país (CAPONI, 2020). Enquanto milhares de pessoas morriam e sofriam em hospitais superlotados, precisávamos não só cuidar dos nossos doentes e elaborar os nossos lutos, mas manter-nos numa resistência e oposição ao negacionismo científico do governo em vigor.

Ailton Krenak, importante liderança indígena no Brasil, em um livro escrito e publicado durante um dos períodos mais críticos da Pandemia, advertia:

Governos burros acham que a economia não pode parar. Mas a economia é uma atividade que os humanos inventaram e que depende de nós. Se os humanos estão em risco, qualquer atividade humana deixa de ter importância. Dizer que a economia é mais importante é como dizer que o navio importa mais que a tripulação. (KRENAK, 2020, p. 8).

Precisávamos manter nossa atenção nos aspectos políticos do país, pois os próprios ministros, cito o do Meio Ambiente, na época, utilizava-se desse cenário de sofrimento mundial para “deixar a boiada passar” e mudar as regras ambientais<sup>2</sup>. Metaforicamente, estávamos em uma guerra em que vários dos nossos companheiros de batalha foram atingidos, mas não podíamos prestar os primeiros socorros, precisávamos nos manter atirando, isto é, resistindo. Parece que não podíamos nos demorar elaborando os nossos lutos e cuidando dos nossos doentes, já que a resistência era uma imposição.

Para uma parcela significativa da população, a pressa se impunha, inclusive, no desejo de que logo chegasse as próximas eleições. A “festa democrática” representava uma esperança da retomada, de forma coerente, das políticas de saúde pública e de seguridade social, bem como o compromisso com a garantia dos Direitos Humanos. O governo seguinte chegou e a ele foi imposta a urgência de cuidar de aspectos sociais, políticos e econômicos que foram sendo negligenciados, omitidos e esfacelados nos últimos anos. Nos primeiros dias

---

<sup>2</sup> Ministro do Meio Ambiente defende passar ‘a boiada’ e mudar regras enquanto atenção da mídia está voltada para a Covid-19. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simpliar-normas.ghtml>.



do novo governo, testemunhamos a urgência de reestabelecer a ordem nacional quando os Três poderes foram tomados de assalto por extremistas e, simbolicamente, o Relógio de Dom João VI<sup>3</sup> foi destruído no Palácio do Planalto. Estarrecidos com as proporções desse ato e agora olhando retroativamente para os fatos, parece-nos que o relógio<sup>4</sup> do povo brasileiro é que está se quebrando depois de muito acelerar.

Os acontecimentos no Brasil nos impuseram um modo de vida apressado, que parece haver silenciado as narrativas da Pandemia. E isso constatamos cotidianamente ao olharmos para as narrativas em nossas clínicas particulares, além das narrativas de colegas de profissão que atuam no serviço público. Parece que Pandemia é página virada e fomos convidados a (re)pensar sobre ela a partir do tema proposto no I Congresso Brasileiro Interdisciplinar Em Saúde Mental (I COBISMENT).

Retomamos esses aspectos históricos, por compreender que a análise sobre os impactos psicossociais da Pandemia da Covid-19 no Brasil será, invariavelmente, atravessada por essa pluralidade de acontecimentos e não teremos uma borda para limitar, pelo viés sintomatológico ou epidemiológico, os impactos da Covid-19. É ético e necessário tensionarmos os aspectos históricos, sociais, políticos e econômicos dessa época, já que a compreensão de aspectos humanos e sociais não comportam o apagamento das variáveis e a quantificação numérica dos dados, sobretudo quando os fatores em tela remetem a saúde da população que, para a Organização Mundial da Saúde (OMS), precisa ser compreendida em seu caráter biopsicossocial.

Nesse sentido, as argumentações aqui apresentadas têm como objetivo tensionar os múltiplos fatores que podem ter obscurecido, ou até silenciado, as narrativas sobre os a Pandemia da Covid-19. Para isso, apresentaremos os acontecimentos históricos, sociais, políticos e econômicos e teceremos uma discussão sobre como tais eventos podem tornar mais desafiador as análises dos impactos psicossociais da Pandemia na população brasileira.

## **2 MÉTODO**

O método utilizado é o historiográfico, conforme proposto por Walter Benjamin. Tal perspectiva nos permite lançar mão de eventos históricos sem uma necessária correspondência à cronologia dos fatos. O historiador-ensaísta, transita entre os acontecimentos e sentidos de

---

<sup>3</sup> O que é o ‘relógio de Dom João VI’ que foi destruído pelos golpistas no Distrito Federal. Disponível em: <https://www.metroworldnews.com.br/foco/2023/01/24/o-que-e-o-relogio-de-dom-joao-vi-que-foi-destruido-pelos-golpistas-no-distrito-federal/>

<sup>4</sup> Símbolo da temporalidade, que permite, inclusive, narrativa, compreensão e elaboração

forma narracional. E a narrativa, por intercambiar as experiências, possibilita outras compreensões e conexões (DO Ó, VALLERA, 2020). Partimos, ainda, dos pressupostos arendtianos, segundo os quais “Os incidentes das histórias vivas devem se manter como a referência do pensamento” (ARENDR, 2021, p. 244).

Nesse sentido, apresentaremos os acontecimentos e teceremos as compreensões a partir das interlocuções com teóricos para sustentar a argumentação aqui proposta: A “aceleração do tempo” e as múltiplas demandas impostas à população brasileira entre 2020 e 2023 parece ter silenciado as narrativas sobre a Pandemia da Covid-19.

Importa destacar que, por apresentarmos fatos históricos de experiências vividas pela população, recorreremos também a fontes jornalísticas primárias, vista como registro de documento em massa. Esses registros são valiosos para resgatar os eventos históricos, mas nos impõe cuidados metodológicos (GIL, 2012). Recorreremos ainda a artigos científicos publicados em meio a pandemia, na tentativa de nos aproximarmos dos eventos históricos sem perdermos as referências e os esforços acadêmicos dos pesquisadores que, em meio ao caos social e frente ao desmonte científico, também resistiram e se mantiveram produzindo (SOUSA, 2021).

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O que queremos dizer com silenciamento das narrativas após a Pandemia da Covid-19? Para iniciar essa discussão, retomamos um texto de Gagnebin (2015) que destaca a Política do Esquecimento, prática corriqueira no Brasil que tem o hábito de fazer uma política da cordialidade e da boa vizinhança. A autora cunha esse termo para falar sobre as estratégias oficiais utilizada por órgãos oficiais para impor o esquecimento das vítimas da ditadura militar no país (GAGNEBIN, 2015).

As sutilezas linguísticas que sempre convoca a população a olhar para o futuro com esperança, remete sempre a uma tentativa de reconciliação nacional, que de certo modo foi oferecida com expectativa posta nas eleições de 2022. Parecia que apenas um novo governo poderia nos retirar do caleidoscópio colapsado nos vários aspectos nacionais. Entre a pandemia e o novo governo, houve uma Copa Mundial que ofereceu entretenimento à população, bem como o retorno das festas públicas e privadas, já que nesse interim ainda houve as eleições municipais, flexibilizando alguns eventos de campanha política. No pico da pandemia, ouvíamos as pessoas dizerem que sairiam muito diferentes e aprenderiam muitas



coisas com as tragédias ocorridas, mas nos parece que, no final das contas, as conscientizações “caíram” por terra junto das máscaras e do álcool em gel.

Em âmbito nacional, era hora de “darmos as mãos” e esperarmos, de tal modo, que para escaparmos do caos nacional, testemunhamos as oposições políticas nacionais se unirem, desmontando momentaneamente as oposições no Brasil. A chapa Lula Alckimin, sem dúvida é um marco histórico do “desespero” do povo brasileiro em se salvar, não da pandemia, mas do caos político e do risco imposto à democracia. Alencastro (2022, p. 427) indica que “a opção de Lula por se aproximar de Alckmin é uma reação à radicalização da direita, que abre espaço para o pt voltar a ocupar o centro do espectro político”.

Antes das eleições de 2022: Pandemia instaurada; negacionismo científico e teorias conspiratórias como discurso oficial do Governo Federal; ministro da Saúde sem qualquer experiência ou conhecimento técnico sobre as políticas do Sistema Único de Saúde (SUS); Governos estaduais e municipais precisando atuar fortemente para dar conta das irresponsabilidades advindas da esfera federal (CAPONI, 2020); Ministro do Meio Ambiente instigando a ‘boiada a passar’; economia em colapso; população na “fila do osso”; mortalidade materna em alta e crianças já nascendo órfãs; população civil se mobilizando para enviar mantimentos e oxigênio para Manaus; apagão no Amapá. Enquanto a população morria, as pessoas perdiam o emprego, os lutos existenciais passavam a ser uma demanda, a luta se impunha enquanto verbo de sobrevivência e resistência daqueles que se mantinham biologicamente vivos.

Retomar esses acontecimentos históricos é militar por uma política da lembrança. É preciso lembrar que os brasileiros não puderam viver “só a Pandemia”. A luta não era, apenas, contra o vírus ou os impactos neurológicos que eles causariam na população. Infelizmente, parece que não era nem sobre os lutos existenciais que tantas pessoas precisaram elaborar, se é que elaboraram, as pressas. É preciso retomar a história, pois como destaca Walter Benjamin existem

[...] algumas balizas para a historiografia verdadeiramente ‘militante’; não porque militaria em favor de um partido ou de uma tendência, mas porque milita por uma memória do passado que permite não só salvar a memória dos vencidos, mas também liberar outras possibilidades de luta e de ação no presente do historiador (GAGNEBIN, 2015, p. 8).

Retomar a história, permite salvar a memória, já que nos foi imposto acelerar o tempo para restaurar as políticas públicas de saúde e seguridade social, reestruturar a economia. As oposições deram as mãos e o novo governo, ao assumir a esfera federal, deparou-se com

urgências em várias esferas a serem cuidadas. O IBGE, órgão que nos daria dados quantitativos do impacto da Covid-19, foi boicotado, os órgãos de pesquisa e fomento estavam sucateados, as urgências do campo da saúde eram bem maiores, a exemplo dos povos originários Yanomami. A economia precisava girar e a oscilação na bolsa de valores passou a ser o centro das discussões nos primeiros dias de governo.

Diante desse caleidoscópio de informações e acontecimentos, retomamos o reescrevemos a pergunta: Tivemos tempo para ouvir as narrativas advindas das experiências dolorosas da pandemia? Enquanto psicólogos/as clínicos/as, precisamos questionar além dos impactos neurológicos, mas interrogar a partir de um horizonte histórico-crítico se de fato já conseguimos compreender qualitativamente os impactos psicossociais da pandemia no povo brasileiro. Vamos além: será que é possível estabelecermos uma borda e delimitarmos que os sintomas psicopatológicos apresentados hoje pela população brasileira têm, apenas, relação direta com a Pandemia, ou é um sintoma dos múltiplos fatores que assolam a população pré, durante e pós pandemia?

As problemáticas as quais a população brasileira está imersa, parecem amplificar os impactos na saúde mental de tal modo que é possível perdermos o fio translúcido da causa-efeito que a Pandemia teve na Saúde Mental. Tantos tensionamentos parece desautorizar que apontemos a Covid-19 como a única causadora de tantos danos. Nossos argumentos, em consonância com os aspectos trazidos por Caponi (2020), propõe irmos além, ou melhor, propõe rebobinarmos a história e retomarmos o cenário pré pandemia. Ou seja, é necessário “pensar no contexto histórico que antecede a emergência da pandemia” (CAPONI, 2020, p. 210).

O negacionismo científico, desprezo pelas Universidades e pesquisas científicas, desmonte das Políticas Públicas de atenção as comunidades indígenas, aos direitos da população vulnerável já existia desde os discursos eleitorais de Bolsonaro, em 2018 e tais ações já haviam sido executadas antes da instauração pandêmica. Um dos exemplos é o sucateamento do SUS (Sistema Único de Saúde) e das RAPS (Rede de Atenção Psicossocial) (GODOY et. al., 2019) que foram constantemente impactadas pelas ações do Governo Bolsonarista. Cabe trazeremos à tona que alguns estudos, do início do século XXI já apontam como os modelos neoliberais impactam as políticas de saúde nacional (SOARES, 2000).

A partir desse ponto, e com esses apontamentos iniciais, é possível interrogarmos: Quais os impactos Psicossociais da Pandemia da Covid-19? Estudos apontam para o aumento do índice dos Transtornos de Ansiedade e Depressão na população, sobremaneira nos profissionais de saúde (ALMEIDA et. al., 2019). A Organização Pan-Americana da Saúde



indica que a Pandemia da Covid desencadeou o aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão no mundo (OPAS, 2022). Revisões sistemáticas ainda sinalizam os impactos neurológicos da Covid-19 e destacam as sintomatologias, de modo que os cuidados e intervenções profissionais possam ocorrer em tempo hábil e com precocidade (NASCIMENTO, 2020; NUNES et. al., 2020; MEGA et.al., 2022).

Com esses dados em tela, outra pergunta: E antes da Covid-19, como estavam os aspectos Psicossociais da população brasileira e dos profissionais de saúde? Os dados científicos, datados antes de 2020 (ou seja, antes da pandemia), apontam os adoecimentos psíquicos da população (MANGOLINI, 2019). Indicam ainda os adoecimentos psicológicos e o alto índice de Transtornos Mentais nos profissionais da enfermagem (SEEMANN, GARCEZ, 2012; FERNANDES, et. al., 2018).

O contexto histórico pré-pandêmico, parece nos desautorizar, como já mencionado, uma relação estritamente causal dos impactos psicossociais da Pandemia na população brasileira. A busca objetiva de dados mensuráveis, previsíveis e quantitativos, podem nos levar a destacar, apenas, aspetos epidemiológicos em que todos os atos, transtornos políticos, econômicos e sofrimentos existenciais seriam justificados pelo vírus da Covid-19. Essa correlação direta, sem levar em conta o cenário pré-pandêmico pode nos levar a incorremos no que Benjamin chama de “historicismo, uma ciência burguesa da história caracterizada por seu ideal de exaustividade e objetividade” (GAGNEBIN, 2015, p. 11). Não há necessária objetividade e relação causal direta, quando múltiplos fatores históricos, sociais, políticos, econômicos, biológicos e psicológicos se entrelaçam, advertindo-nos sobre as complexidades acerca das análises dos fenômenos humanos.

Os desastres, muitas vezes tidos como naturais, e nesse caso viral e biológico, denúncia muito mais a desestruturação do sistema, já que a magnitude desses eventos se torna grandes justamente porque as políticas públicas de promoção, prevenção e antecipação de intervenções não foram tomadas de forma apropriadas, o que poderia reduzir seus impactos, inclusive psicossociais (HEREDIA, 2009).

Em contraposição a Política do Silenciamento, faz-se necessário resgatar as histórias e as narrativas dos eventos vividos na pandemia para possibilitar a compreensão e o redirecionamento da vida. É a partir da memória e da narrativa, que ocorre entre-pessoas, que a psicologia poderá escapar do intrapsiquismo, do individualismo e das dimensões psicopatológicas, resgatando a dimensão política dos impactos psicossociais da Pandemia (SILVA, 2022).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos do espanto em relação ao (nosso próprio) esquecimento ao nos depararmos com a pergunta: “Houve pandemia?”. Narramos nossas histórias singulares e os eventos políticos e sociais ocorridos no Brasil desde que os primeiros casos de contaminação pelo Sars-Cov-2 foram identificados em território nacional. Buscamos, a partir das nossas narrativas e dos eventos mencionados, compreender o que pode ter gerado a Política do Esquecimento, bem como as possíveis implicações nas histórias singulares e coletiva do nosso povo.

A argumentação aqui proposta não pretendeu negligenciar a magnitude da Pandemia da Covid-19 no Brasil e no mundo, mas procurou destacar os múltiplos fatores que antecederam a emergência da pandemia. Destacou, ainda, os fatores que se sucederam a Pandemia o que impacta diretamente na nossa possibilidade de análise qualitativa dos impactos psicossociais da pandemia na população.

As narrativas foram atropeladas por vários eventos, e parece-nos que as pessoas não tiveram tempo de compreender o vivido. A compreensão advém das narrativas que ocorrem após certa se colocar uma distância do evento propriamente dito. A partir da compreensão do que aconteceu abrimos outros modos de reencaminharmos a vida após as ocorrências. Nesse sentido, para se reconciliar com uma história, as narrativas se mostram como primordiais, sobremaneira quando lidamos com processos psicológicos.

Numa análise apressada, reduzir os impactos psicossociais da Pandemia as esferas individuais, neurológicas e/ou psicopatológicas é fortalecer a política do esquecimento e na contramão disso, faz-se significativo uma análise e construção de um discurso ético em que os aspectos coletivos, os cenários de singularidades e as complexidades sejam postas no cenário compreensivo, de modo a não reduzirmos as análises a explicações causais, individuais e intrapsíquicas.

A pandemia da Covid-19 estabeleceu urgências e emergência no cenário mundial e brasileiro. Ademais, nos questionamos se de fato ela pode ser considerada a única crise vivida pelo povo brasileiro, visto que as estruturas políticas, as políticas públicas e os direitos constitucionais a saúde, educação e outros já são negligenciadas no Brasil, independente das crises epidemiológicas. O acesso a saúde pública e o cuidado com a saúde mental são ignorados pelos setores públicos e até privados. O negligenciamento parece já ser uma condição vivida pelo povo brasileiro e a Pandemia lançou luzes, estabeleceu um grau de percepção e apresentou as fragilidades que já são instauradas no país.



Elaborar os aspectos vividos, requer tempo. Requer narrativas e, uma certa distância dos acontecimentos. Ademais, tomar uma distância, não é impor a política do esquecimento. Ao contrário é fomentar nessa “distância”, pois já não estamos mais no olho do furacão, a retomada das narrativas, dos discursos, das histórias singulares e plurais. Nesse sentido, enquanto psicóloga e psicólogo, questionamo-nos: qual o papel da Psicologia nessa retomada das narrativas e desses registros históricos? Será que a pandemia é página virada? Ela tem aparecido nas nossas escutas clínicas, sociais, educacionais, outras? Por exemplo, no cenário da educação, temos estudantes com significativos impactos de aprendizagem. Mas onde estão essas narrativas, pontuais e amplas? Como fomentar o resgate das experiências para a elaboração das lutas e lutos?

A psicologia, mais do que se deter aos aspectos psicopatológicos, é convidada, em cenários complexos, a uma compreensão política que leva em consideração o entre-pessoas e aponta para a dimensão política das experiências humanas.

## REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, M. Ruptura e coalizão: a chapa Lula-Alckimin e a recomposição partidária das democracias liberais. **Novo Estudo**. Cebrap. São Paulo. V41n02 - 413-430 MAI.–AGO. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/Vm6MP8JN63Vk64K8DkxbNcp/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 01 mai. 2023.

ALMEIDA, V.R.S. Impacto Psicossocial causado pela pandemia da Covid-19 nos profissionais de saúde. **Revista Baiana de Enfermagem**. V. 35. 2021. DOI: <https://doi.org/10.18471/rbe.v35.37900>

ARENDDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014

ARENDDT, H. **A Dignidade da Política**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

ARENDDT, H. **Pensar Sem Corrimão**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

CAPONI, S. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Estudos Avançados**. 34 (99), May-Aug 2020 • <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.013>

DO O, J.R. VALLERA, T. A oficina do fragmento: Método e processo historiográfico em Walter Benjamin. **Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia**. Disponível em: <https://doi.org/10.15848/hh.v13i32.1570>. Acesso em: 29 abr. 2023.

FERNANDES, M.A. et. al. Transtornos mentais associados ao trabalho em profissionais de enfermagem: uma revisão integrativa brasileira. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**. Vol. 16. N. 2. 2018. Disponível em: <http://www.rbmt.org.br/details/318/pt-BR/transtornos-mentais-associados-ao-trabalho-em-profissionais-de-enfermagem--uma-revisao-integrativa-brasileira>. Acesso em: 01 mai. 2023



GAGNEBIN, J.M. Esquecer o passado? In: MACHADO, C.E.J; MACHADO-JR, R.; VEDDA, M. Walter Benjamin: Experiências históricas e dialéticas. São Paulo: Unesp, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2012.

GODOY, A.M. et. al. Desmonte e sucateamento do SUS e desumanização dos espaços de saúde: um relato de experiência. **Revista Educação em Saúde**. V7, suplemento 1, 2019.

Disponível em:

<http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/educacaoemsaude/article/view/3820/2658>.

Acesso em: 01 mai. 2023.

HEREDIA, A.M. A saúde mental coletiva em casos de desastres. In: BOCK, A.M.B. **Psicologia e Compromisso Social**. São Paulo: Cortez, 2009.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. Ebook.

MANGOLINI, V.I. Epidemiologia dos transtornos de ansiedade em regiões do Brasil uma revisão de literatura. **Revista de Medicina USP**. v. 98. N. 6. 2019.

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v98i6p415-422>. Acesso em: 01 mai. 2023.

MEGA, L.F.S. Manifestações neurológicas da Covid-19: uma revisão de literatura. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 2, e13811225470, 2022 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i2.25470>. Acesso em: 01 mai. 2023.

NASCIMENTO, O.J.M. Complicações neurológicas associadas ao SARS-CoV-2 (COVID-19) no Brasil: Organização do grupo NEUROCOVID-RIO e achados preliminares. **Revista Brasileira de Neurologia**. Volume 56 - Nº 2 - ABR/MAI/JUN 2020. Disponível em:

<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/07/1102903/revista-562-5-9.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2023.

2023.

NUNES, M.J.M. Alterações Neurológicas na Covid-19: uma revisão sistemática. **Rev Neurocienc**. 2020; 28:1-22. Disponível em:

<https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/download/10949/8142/45687>.

Acesso em: 01 mai. 2023.

OPAS. **Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo**. Disponível em:

<https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>. Acesso em: 1 mai. 2023.

SEEMANN, S.; GARECEZ, E.M.S. O adoecimento Psíquico em Profissionais da Enfermagem. **Revista de Saúde Pública de Santa Catarina**. V. 5. N. 2. 2012. Disponível em: <https://revista.saude.sc.gov.br/index.php/files/article/view/69>. Acesso em: 01 mai. 2023.

SILVA, I.D. **Coautoria, conflito da vontade e testemunho**: outras intervenções e compreensões psicológicas em diálogo com o pensamento de Hannah Arendt. 2022. 144f.

Tese (Doutorado em psicologia Clínica). Recife, Unicap. Disponível em:

<http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1706>. Acesso em: 01 mai. 2023.

SILVA, I.D.; SOUSA, J.N.S. “Memória e narrativa como recursos terapêuticos psicológicos e o psicólogo/a como testemunha das histórias singulares”. In: OLIVEIRA, M.A.S.A.;



CURCINO, A. COSTA, L.F.; MAGALHÃES, F. **Ensaio Sobre Memória – Volume 3.**  
Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – Politécnico de Leiria, 2020.

SOUSA, A.C.A. et. al. Gênero e a pandemia Covid-19: revisão da produção científica nas ciências da saúde no Brasil. **Saúde Debate.** Rio de Janeiro, V. 45, N. Especial 2, P. 171-186, DEZ 2021. DOI: 10.1590/0103-11042021E212.